



PODER E VIOLÊNCIA NO AUDIOVISUAL BRASILEIRO: ENTRE O DESEJO E O CONTROLE DO CORPO QUEER EM BIXA TRAVESTY

Hiel Levi Briglia Sousa de Albuquerque¹

RESUMO

O artigo propõe uma análise do documentário Bixa Travesty (2019), protagonizado por Linn da Quebrada, com foco nas formas como raça, classe, gênero e travestilidade são tensionados pela artista a partir de sua trajetória e performance. A investigação parte da compreensão de que a arte dela atua como ferramenta de denúncia e resistência, sobretudo em contextos de marginalização e violência estrutural contra pessoas trans e travestis no Brasil. Por meio da articulação entre cenas do filme, canções, performances e referências teóricas, o trabalho destaca como a artista constrói uma narrativa periférica e afetiva, que desafia normas cisheteronormativas e ressignifica discursos contra identidades como a dela. Entre os principais resultados, percebe-se que a arte travesti se mostra uma ferramenta poderosa na produção de conhecimento e afirmação política, promovendo mudanças simbólicas e subjetivas em um contexto marcado pela exclusão histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Travestilidade. Representação. Audiovisual brasileiro. Violência estrutural. Arte política.

INTRODUÇÃO

O presente artigo está diretamente vinculado à disciplina “Poder e violência no audiovisual brasileiro”, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB), ministrada pelo professor Felipe Polydoro. A proposta da disciplina é discutir formas de expressão e políticas de representação em produtos audiovisuais brasileiros que vão do cinema às séries de streaming, com ênfase na produção mais recente.

¹ Titulação: Universidade de Brasília (UnB), levy.briglia@gmail.com | Orcid. Bacharel em Comunicação pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Email: levy.briglia@gmail.com.



Durante as aulas, os estudantes tiveram contato com diversas obras presentes na ementa, como *Cidade de Deus* (2002), *Trabalhar Cansa* (2011) e *Vale o Escrito – A Guerra do Jogo do Bicho* (2023), majoritariamente ambientadas no Rio de Janeiro e voltadas à representação da violência policial e da guerra civil travada contra o tráfico de drogas.

Ainda que as referências sejam múltiplas e não se limitem exclusivamente a essas temáticas, o presente estudo busca expandir as discussões sobre violência no contexto nacional por meio da análise de uma obra queer² brasileira que, assim como os moradores da favela, representa uma minoria expressiva no país. Trata-se do filme *Bixa Travesty* (2018), de Kiko Goifman e Claudia Priscilla, apresentado no Festival de Berlim e vencedor do Prêmio Teddy, dedicado a produções com temáticas LGBTQIAPN+.

Bixa Travesty é um documentário protagonizado pela artista trans negra Linn da Quebrada, muito antes de sua participação no reality show de maior audiência do país, o *Big Brother Brasil 2022*. A produção acompanha a trajetória artística de Linn por meio de uma montagem que mistura apresentações musicais, entrevistas e conversas íntimas com amigas e outras figuras centrais da cena queer musical brasileira, como Liniker e Jup do Bairro.

A proposta deste trabalho é refletir sobre como a violência e a representação se manifestam nesse documentário, que aborda questões centrais da vivência trans, como as dúvidas em torno de cirurgias e hormonização, as dinâmicas familiares e a pressão social exercida sobre pessoas transfemininas em relação à performance de feminilidade.

1. CORPOS EM DISPUTA: APORTES TEÓRICOS

Este estudo tem como base analítica a Teoria Queer (Queer Theory), originada por volta dos anos 1980, tendo como uma de suas principais referências o

² O termo "queer" é uma palavra de origem inglesa que significa "estranho" ou "excêntrico" e, historicamente, foi usada de forma pejorativa para ofender pessoas que não se encaixavam nas normas de gênero e sexualidade. Com o tempo, foi ressignificada e passou a ser usada de forma afirmativa para se referir a identidades e orientações sexuais dissidentes, ou seja, que não seguem os padrões da heterossexualidade e da cisgeneridade.



livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity), de Judith Butler, filósofa e professora norte-americana de identidade não binária.

Apesar de a obra não tratar diretamente dos corpos travestis³, uma vez que, na época, o tema ainda não possuía a mesma visibilidade, é possível traçar paralelos com vivências transsexuais e travestis em geral.

Para Butler, gênero não é uma essência interna, nem um papel que se escolhe ou se performa de forma consciente. O gênero, segundo a autora, é uma performance. Isso significa que ele é constituído por meio de uma repetição estilizada e contínua de atos, gestos, linguagens e discursos que, ao longo do tempo, constroem a ilusão de um gênero estável e natural.

No livro publicado em 1990, Butler argumenta que a suposta naturalidade dos gêneros binários é, na verdade, uma construção social e cultural. A existência de pessoas trans ou travestis, nesse sentido, demonstra que as regras do gênero podem ser questionadas e subvertidas.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (BUTLER, 2010, p. 25).

As temáticas presentes nos trabalhos artísticos de Linn da Quebrada se organizam a partir de sua própria sexualidade. Ela explora o próprio corpo, resgata histórias de vida e experiências enquanto sujeito em oposição às normas de gênero vigentes. Essas expressões aparecem por meio do seu lirismo, dos álbuns, dos videoclipes, das performances ao vivo e também através do filme aqui analisado.

De forma curiosa, Linn e Butler dividiram o mesmo espaço no programa Transmissão, exibido pelo Canal Brasil e apresentado por ela e por Jup do Bairro,

³ Travesti é uma identidade de gênero transfeminina e latino-americana, vivida por pessoas designadas homens ao nascer com expressão de gênero feminina, mas que não necessariamente se identificam como mulheres. O termo, antes usado de forma pejorativa, foi ressignificado como afirmação política e identidade autônoma, desafiando normas cisgênero e heteronormativas.



em que ambas debateram questões relacionadas aos problemas do gênero sob perspectivas distintas e provocadoras.

No livro “Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas”, o filósofo e escritor transgênero Paul B. Preciado formula uma crítica direta aos pressupostos que sustentam a diferença sexual, entendida por ele como um regime de poder que aprisiona os corpos dentro de categorias binárias, como homem ou mulher.

A obra nasceu a partir de um discurso polêmico proferido por Preciado em uma audiência de psicanalistas no Palais des Congrès, durante um evento com o tema “Mulheres em Psicanálise”, em que ele dissertou sobre a própria psicanálise, acusando-a de atuar como cúmplice do regime patriarcal e colonial, além de reforçar as concepções normativas e tradicionais sobre sexo e gênero.

Se o regime da diferença sexual pode ser representado como uma rede semiotécnica e cognitiva que limita nossa percepção, nossa forma de sentir e amar, o caminho da transexualidade, por mais tortuoso e desigual que possa parecer, tem me permitido experimentar a vida além desses limites (PRECIADO, 2022, p. 289).

Preciado defende que a psicanálise precisa passar por um processo de “mutação”, termo que ele utiliza para se referir às transformações vividas pelas pessoas trans ao longo de suas existências. Essa mutação, segundo o autor, não surge como algo externo ou opcional, mas como um movimento intrínseco e, possivelmente, indispensável para que a psicanálise mantenha sua relevância e permaneça como um campo vivo. Trata-se de uma crítica que aponta a transição não como escolha simples, mas como um processo profundo e doloroso. Aquele que decide atravessar esse percurso não o faz por necessidade superficial ou capricho, mas por uma verdade que sempre esteve presente e que, assim como ocorre com a própria psicanálise, não pode ser ignorada quando se busca compreender a mente humana.

Talvez apenas este processo de transformação, por mais terrível e desmantelamento que lhes pareça, mereça ser chamado de psicanálise novamente hoje (PRECIADO, 2022, p. 331).



O autor transmasculino se apresenta como um “monstro” diante dos padrões sociais já estabelecidos, o que ressoa com o título Bixa Travesty. Linn, assim como Preciado, não se esforça para ocupar uma nova categoria estável, mas sim para implodir as categorias existentes, afirmando uma identidade fluida, intensa e provocadora por meio de sua música e de sua atuação política. Em diversos momentos, seu posicionamento carrega um tom de denúncia e relato das violências às quais pessoas trans e travestis são submetidas.

Linn da Quebrada destaca a força do discurso de Paul B. Preciado justamente pelas reações intensas que ele provocou. Quando esteve em Paris, o filósofo foi alvo de ataques preconceituosos, tendo sido vaiado em público e até comparado a Adolf Hitler, conforme ele mesmo relata. Tanto ele quanto Linn constroem seus trabalhos como atos de resistência, que deixam evidente a urgência de repensar o gênero e a sexualidade na construção de uma sociedade mais justa e aberta à diversidade.

2. O SER TRAVESTI E A LUTA PELA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO EM CENA

“Estou procurando, estou tentando entender / O que é que tem em mim que tanto incomoda você / Se é a sobancelha, o peito, a barba, o quadril sujeito / O joelho ralado apoiado no azulejo”. Esses versos são cantados por Linn da Quebrada, nome artístico de Lina Pereira. Artista multimídia, cantora, compositora, atriz e performer originária da periferia paulista, ela utiliza a música e a performance para dar visibilidade a questões de gênero, corpo e sexualidade, com foco na luta de travestis e pessoas transgênero em contextos marginalizados.

A música traz uma reflexão sob a perspectiva de indivíduos que não compreendem as normas tradicionais de gênero e sexualidade. Ela é seguida por um monólogo de Linn, que começa com a frase “Vocês, homens, fizeram tudo muito direitinho, né?”, em resposta ao machismo ao qual corpos travestis como o dela estão submetidos. A cena estabelece simultaneamente um paralelo entre a protagonista e o artista Ney Matogrosso, que, assim como ela, foi um representante



de resistência e afronta aos padrões socialmente pré-estabelecidos no Brasil, como também retratado na recente cinebiografia *Homem com H* (2025). No entanto, o filme de Linn representa uma possibilidade de identificação e representação para inúmeras mulheres trans e travestis, grupo minoritário constantemente apontado como principal vítima de feminicídio e transfobia a nível global, especialmente em um país como o Brasil, conforme comprova o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras, elaborado anualmente pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

Esse paralelo constrói-se principalmente pela busca de Linn em sua casa pela luva usada por Ney na época em que ele fazia parte do grupo Secos e Molhados. A luva foi presente da amiga e artista Jup do Bairro e é considerada por elas uma espécie de “amuleto da sorte” para as performances ao vivo. A artista ainda comenta que esse objeto representava uma forma de materializar a persona “Linn da Quebrada” e expressa sua angústia por ter perdido algo tão valioso. Mais tarde, revela-se que Jup pegou a luva de volta propositalmente, para que Linn acreditasse em sua própria essência e autoconsciência, manifestando-se plenamente como artista.

Na música “Mulher”, Linn canta: “Ela tem cara de mulher / Ela tem corpo de mulher / Ela tem jeito / Tem bunda / Tem peito / E o pau de mulher”. Essa canção sintetiza a identidade da artista, que explica em cena, na cozinha de sua casa, para a mãe e amigas, sua condição de bixa travesti. O termo dá nome ao documentário e traduz a vivência travesti. É fundamental destacar a travestilidade da protagonista, pois ela enfatiza não ser homem nem mulher, mas um indivíduo que vivencia o gênero feminino no cotidiano. Travestis apresentam aparência, formas e comportamentos atribuídos ao gênero feminino, embora seus corpos mesclam características masculinas e femininas. De acordo com o livro *Gênero, Sexualidade e Direito: Uma Introdução* (PEDRA, 2016, p. 94), essas pessoas preferem ser tratadas no feminino e buscam o reconhecimento de sua identidade para além dos parâmetros binários socialmente impostos.

Ainda na mesma cena, entre amigas, incluindo a cantora, compositora e artista visual Liniker, integrante da confraria dos imortais da Academia Brasileira de



Cultura, a protagonista relata que, quando morava em Rio Preto⁴, tinha acesso ao sexo limitado a locais escuros, como banheiros, e a um sexo “sem beijar”. Ela caracteriza essa experiência como sexo sem afeto, ressaltando seu caráter político, pois representa a forma como travestis aprendem a amar-se e a amar outras pessoas trans.

O artigo do Portal Catarinas intitulado “2023: Brasil invicto como campeão no consumo de pornografia trans no mundo (e de assassinatos)” analisa dados globais de sites pornográficos, incluindo as categorias mais acessadas, baseadas em palavras-chave, número de acessos e fetiches. O estudo revela um panorama complexo e contraditório sobre a visibilidade e a violência sofrida pela população trans.

Historicamente, os corpos trans têm sido, muitas vezes, tratados apenas como abjetos, fetiches e/ou fantasias, sem levar em conta nossos próprios desejos ou sentimentos. E isso cria uma situação altamente problemática, onde essas pessoas são desejadas e ao mesmo tempo causam repulsa para determinadas pessoas. As travestis e mulheres transexuais são as mais procuradas em sites pornográficos, mas também compõem a maioria esmagadora (95%) das vítimas assassinadas, segundo dados da ANTRA (BENEVIDES, 2023).

Dados como esses demonstram que, ainda em 2023, permanece evidente um paradoxo entre o desejo e o ódio dirigidos a travestis e transexuais no Brasil. Tal contradição torna-se ainda mais gritante ao considerarmos as estatísticas que posicionam o país, por vários anos consecutivos, como o que mais mata pessoas trans e travestis em todo o mundo. Coincidência ou não, essas informações parecem confirmar as falas de Linn em seu documentário, que, em tom de protesto, ilustram os versos e a apresentação ao vivo da música “Mulher”, já mencionada: “Eu tô correndo de homem / Homem que consome, só come e some / Homem que consome, só come, fodeu e some”.

Ao compreendermos o longa como parte de uma produção audiovisual brasileira que aborda a violência, observa-se que, desde seus primeiros minutos, esse tema surge de maneira implícita, embora presente. O poder e a violência não

⁴ São José do Rio Preto é um município brasileiro localizado no interior do estado de São Paulo, sede da Região Metropolitana de São José do Rio Preto.



se apresentam de forma gráfica, sem recorrer à estética direta de obras como *Madame Satã* (2001) ou *Rainha Diaba* (1974), produções significativas do cinema queer nacional. No entanto, o documentário aproxima-se de filmes baseados em relatos ou depoimentos, pois é justamente por meio de conversas com amigos, familiares, diante da câmera ou através das músicas que a artista compartilha as dificuldades da vivência travesti.

Entre essas dificuldades, destaca-se uma cena emblemática em que, durante um momento de intimidade entre amigas, a mãe da cantora refere-se a Linn com pronomes masculinos. Tal atitude revela a permanência da associação ao sexo biológico atribuído no nascimento. Esse tipo de situação é comum a inúmeras pessoas trans e travestis em diferentes contextos, tanto em manifestações explícitas de transfobia quanto em interações em que o uso indevido dos pronomes ocorre sem má intenção, mas ainda assim gera dor e desrespeito para quem vivencia.

Berenice Bento, em *O que é Transexualidade* (2012), afirma que não existe corpo “em estado bruto” capaz de escapar aos investimentos discursivos. O sexo funciona como uma das normas que qualificam a matéria corpórea como reconhecível enquanto humana. Ao anunciar “é um menino” ou “vai ser menino”, estabelece-se um conjunto de expectativas para um corpo que será moldado a agir segundo os comportamentos atribuídos ao masculino.

A resposta de Linn à sua mãe é corrigi-la e afirmar que tatuaria o pronome “ela” na própria testa para que isso nunca mais fosse esquecido. Tal declaração se concretiza em cenas posteriores, quando a tatuagem torna-se visível e passa a figurar como um dos símbolos mais marcantes da artista.

A bicha, o sapatão, o afeminado são essenciais para realimentar a heterossexualidade, por não serem estranhos, externos a ela, mas porque a constitui ou, conforme Jacques Derrida, a diferença gera aquilo que ela proíbe, “tornando possível a própria coisa que ela torna impossível” (1974:143). A transexualidade seria, portanto, a materialização do impossível, o inominável, aquilo que transcede a capacidade de compreensão (BENTO, 2012, p. 40-41).

A obra, assim como a própria protagonista, também propõe debates sobre as expectativas que recaem sobre corpos travestis, especialmente no que se refere à



necessidade de externalizar feminilidade. Travestis não se colocam como homens, tampouco como mulheres, embora estejam alinhadas ao feminino. Essas expectativas frequentemente envolvem procedimentos como terapia hormonal, cirurgias de feminização facial ou implantes de silicone. Em uma cena nos bastidores de um show, uma amiga de Linn responde que não pretende recorrer a nenhuma dessas intervenções para se entender ou se afirmar como travesti.

Linn reforça esse ponto ao destacar que, quando essas pessoas vivem em contextos de pobreza, muitas vezes só conseguem realizar modificações corporais por meio de métodos perigosos, como o uso de silicone industrial. A reflexão que emerge questiona por que a sociedade aceita que mulheres cisgênero continuem sendo reconhecidas como mulheres mesmo quando utilizam roupas largas, têm cabelos curtos ou exibem um porte físico distante dos padrões esperados, enquanto travestis seguem sendo lidas como homens de forma pejorativa. O desejo de Linn e de Jup do Bairro é serem reconhecidas pelo coletivo da mesma forma como se percebem individualmente.

Harry Benjamin, em sua obra seminal *The Transsexual Phenomenon* (1966), documentou a intensa disforia genital relatada por muitos de seus pacientes transexuais em relação aos órgãos sexuais designados no nascimento. Esse desconforto aparece como um dos principais indicativos de uma experiência ligada à travestilidade ou à transexualidade. No entanto, o documentário explicita que esse não é um critério obrigatório. Sentir repulsa pela própria genitália não deve ser visto como uma regra, pois nem todas as pessoas trans ou travestis compartilham desse sentimento.

3. LINN DA QUEBRADA E OS ATRAVESSAMENTOS DE RAÇA E CLASSE

Desde o início, a obra aborda questões de classe e raça. Isso se revela, por exemplo, no fato de sua amiga Liniker já ter se alimentado de pizza encontrada no lixo, e também nos relatos da mãe de Linn, que trabalha como empregada doméstica. A relação com seus patrões brancos e a forte presença da religiosidade nesse contexto tornam visível uma série de camadas que atravessam essas



experiências. Esses elementos ganham uma dimensão específica quando se considera a cor da pele da maioria dos personagens e suas origens periféricas, como indica a própria Linn ao mencionar lugares como Sapopemba, Fazenda da Juta, São Mateus, Zona Leste e Votorantim. Esses espaços, todos localizados no estado de São Paulo, constituem territórios historicamente marginalizados e evidenciam a geografia social por onde a artista transitou ao longo da vida.

De acordo com Tiarajú D'Andrea, na tese de doutorado “A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo”, ao investigar a explosão de atividades culturais nas periferias nas últimas duas décadas e o alcance político desses coletivos artísticos, destaca-se o papel de artistas como os Racionais MC's. Assim como Linn, esse grupo constrói uma narrativa validada pelas vivências da população periférica e representa uma nova subjetividade que surge nesses territórios, fundada no orgulho da condição periférica.

Nesse sentido, como explica a autora, essa nova subjetividade nasce de uma luta por presença no mundo e pela possibilidade de se perceber a partir de uma posição afirmativa, e não pelo lugar do estigma. Quando um indivíduo age politicamente a partir dessa nova consciência, é reconhecido como sujeito periférico. Linn explicita na obra que os lugares por onde passou produzem seus próprios saberes periféricos, expressos na riqueza de suas estéticas, na criação de modas, nas formas de existir e nos corpos dissidentes que habitam esses territórios.

A partir da década de 1990, uma série de coletivos artísticos surgiram nos bairros periféricos de São Paulo. Quatro foram os principais motivadores para esse fenômeno: a possibilidade de fazer política em um contexto de descenso dos movimentos sociais e dos partidos políticos; a luta por pacificação; a necessidade de sobrevivência material, da qual a produção artística se revelou como uma possibilidade; a arte como emancipação humana (D'ANDREA, 2013).

Como aponta o Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024, produzido anualmente pela ANTRA, a expectativa de vida de pessoas trans e travestis no Brasil é de, em média, 30 anos. À primeira vista, Linn poderia se considerar uma exceção fora do contexto do homicídio, já que a visibilidade e a credibilidade artística conquistadas por seu trabalho a afastam de



situações que poderiam colocar sua vida em risco. Sua arte, nesse sentido, revela-se como possibilidade de existência. Ainda assim, permanece a pergunta: por que vidas trans continuam ameaçadas por tantos outros fatores no país?

Em 2023, a influenciadora Flávia Big Big, figura conhecida por seus memes⁵ e celebrada por membros da comunidade LGBTQIA+ nacional, morreu aos 26 anos em Natal após descobrir um câncer e passar por um procedimento cirúrgico no coração. Um paralelo pode ser traçado a partir desse caso. Na segunda metade do documentário, Linn recorda com emoção o período em que também enfrentou um câncer testicular, diagnosticado em 2014, quando tinha apenas 23 anos. Na música “Eu matei o Júnior” (2021), feita em colaboração com Ventura Profana, a artista utiliza o mito da fênix como símbolo do processo de travestilidade e de renascimento pelo fogo. Essa imagem é retomada nas cenas finais da obra, quando Linn reflete sobre como momentos difíceis, como o enfrentamento da doença, contribuíram para o fortalecimento de sua autoconsciência em relação ao próprio corpo.

No videoclipe “blasFêmea”, lançado na divulgação do álbum Pajubá, cujo nome remete ao dialeto afro-brasileiro usado por travestis e mulheres trans como forma de resistência e identidade, a cena final mostra Linn sendo violentada por dois homens antes de ser salva por outras colegas travestis. A cena encena uma situação comum vivida por travestis em situação de prostituição, marcando o cotidiano de violências às quais estão expostas. Essa narrativa encontra síntese nos instantes finais de Bixa Travesty, quando Linn surge novamente diante da câmera para refletir sobre a vida e retomar questionamentos que atravessaram o documentário, muitas vezes ao lado de Jup do Bairro. Dessa vez, oferece uma resposta direta à forma como a sociedade insiste em posicionar pessoas trans e travestis como históricas, como se suas identidades não passassem de um transtorno de identidade de gênero, enquanto sequer garante as condições mínimas para sua sobrevivência.

Em tom de protesto, ela afirma que “não dará esse gosto a eles”. Decidirá, então, ser o próprio transtorno. Vai se transtornar. Nesse gesto, ressignifica a

⁵ Um meme é uma ideia, comportamento, imagem, vídeo ou frase que se espalha pela internet, geralmente de forma viral. Memes são conteúdos humorísticos ou criativos que refletem aspectos culturais, sociais ou do cotidiano, adaptando-se e sendo reinterpretados por diferentes pessoas ao longo do tempo.



palavra transtorno, frequentemente usada de forma pejorativa contra pessoas trans, ao aproximá-la dos termos “trans” e “tornar”. Com isso, transforma uma acusação em potência política, encerrando o filme com uma afirmação de identidade marcada pela consciência, pelo afeto e pela recusa à normalização.

CONCLUSÃO

Retomando as questões que envolvem a representação de corpos dissidentes no audiovisual brasileiro, este artigo analisou como Bixa Travesty articula raça, classe, gênero e travestilidade a partir da trajetória de Linn da Quebrada. Ao longo da análise, observou-se como a artista transforma vivência periférica e identidade travesti em performance política, desafiando estruturas normativas e discursos excludentes. A obra evidencia a arte travesti como forma de existência e reinvenção, abrindo espaço para afetos, saberes e corpos historicamente silenciados. Em um país que insiste em apagar essas vidas, Bixa Travesty insiste em afirmá-las.

REFERÊNCIAS

VENAGLIA, Lívia. **'Bixa Travesty': documentário mostra Linn da Quebrada se descobrindo travesti**. GQ Brasil, 10 fev. 2022. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/Cinema/noticia/2022/02/bixa-travesty-documentario-mostra-linn-da-quebrada-se-descobrendo-travesti.html>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **Dados sobre assassinatos de travestis e transexuais no Brasil**. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BENEVIDES, Bruna G. **2023: Brasil invicto como campeão no consumo de pornografia trans no mundo (e de assassinatos)**. Catarinas, 19 dez. 2023. Disponível em: <<https://catarinas.info/colunas/brasil-invicto-como-campeao-no-consumo-de-pornografia-trans-no-mundo-e-de-assassinatos/>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

EDITORES DA ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Linn da Quebrada**. São Paulo, 30 jul. 2024. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/64003-linn-da-quebrada>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PEDRA, Caio Benevides. **O que é travestilidade?** In: RAMOS, Marcelo Maciel; BRENER, Paula Rocha Gouvêa; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá (org.). Gênero, sexualidade e direito:



uma introdução. 1. ed. Belo Horizonte: Initia Via, 2016. Disponível em:
<https://www.academia.edu/33195844/O_que_%C3%A9_Travestilidade>. Acesso em: 22 jun. 2025.

LGBTQ+SPACEY. **Travesti**. 7 fev. 2022. Disponível em: <<https://lgbtqspacey.com/travesti/>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA. **“Bixa Travesty”, documentário sobre Linn da Quebrada, estreia na mostra Panorama da Berlinale**. 23 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/bixa-travesty-documentario-sobre-linn-da-quebrada-estreia-na-mostra-panorama-da-berlinale/>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BUTLER, Judith (1990). **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CANAL BRASIL. **Judith Butler debate os problemas de gênero com Linn da Quebrada e Jup do Bairro | Transmissão**. YouTube, 22 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DMge3Uc9sUs>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. 2008. Disponível em: <<https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/bento-berenice-o-que-e-transexualidade2008.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2025. p. 36.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19–36, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.25091/S01013300202000010005>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

VIVA BEM. **Linn da Quebrada, do BBB 22, já teve câncer de testículo; tumor é raro**. São Paulo, 16 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/01/16/linn-da-quebrada-do-bbb-22-j-a-teve-cancer-de-testiculo-tumor-e-raro.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SILVA, João Victor da. **Quem tem medo da bixa travesty? Invenções utópicas em Linn da Quebrada**. 2022. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/10772>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

YORK, Sara Wagner. **Eu sou o monstro que vos fala, de Paul B. Preciado**. Cadernos PET-Filosofia, [S. l.], v. 22, n. 1, 2023. DOI: 10.5380/petfilo.v22i1.88248. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/88248>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

TERRA. **Queer, o que é? Entenda o termo e a luta desta comunidade**. Terra, São Paulo, 14 jun. 2023. Atualizado em 16 jun. 2025. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/paradasp/queer-o-que-e-entenda-o-termo-e-a-luta-desta-comunidade,ec73186ecb5a1e4dc7a13fdbce42e8264tnde2t9.html>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

VALLE, Leonardo. **O que é travesti?** Igualize, 15 fev. 2024. Disponível em: <<https://igualize.com/o-que-e-travesti/>>. Acesso em: 16 jul. 2025.



IX Colóquio Interprogramas

Universidade Católica de Brasília, Brasília (DF), 23 a 27 de junho de 2025

CIDADES HUMANAS, INTELIGENTES, CRIATIVAS E SUSTENTÁVEIS

KOVACS, Leandro. **O que é meme?** Tecnoblog, 15 fev. 2024. Disponível em:
<<https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-meme/>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

JORNAL DA USP. **Pajubá: a linguagem secreta entre travestis e mulheres trans em tempos de repressão.** Jornal da USP, 27 maio 2025. Disponível em:
<<https://jornal.usp.br/radio-usp/pajuba-a-linguagem-segreto-que-nasceu-da-repressao-e-flor-esceu-na-resistencia/>>. Acesso em: 16 jul. 2025.



Power and Violence in Brazilian Audiovisual: Between Desire and the Control of the Queer Body in Bixa Travesty

ABSTRACT

The article presents an analysis of the documentary *Bixa Travesty* (2019), starring Linn da Quebrada, focusing on the ways race, class, gender, and travestility are challenged by the artist through her personal journey and performance. The study is grounded in the understanding that her art operates as a tool for denunciation and resistance, particularly within contexts of marginalization and structural violence against trans and travesti people in Brazil. By connecting scenes from the film with songs, performances, and theoretical references, the work highlights how the artist constructs a peripheral and affective narrative that challenges cisheteronormative norms and reframes discourses opposing identities like hers. Among the main findings, it becomes evident that travesti art emerges as a powerful instrument for knowledge production and political affirmation, fostering symbolic and subjective change in a context marked by historical exclusion.

Keywords: Travestility. Representation. Brazilian audiovisual. Structural violence. Political art.

Poder y Violencia en el Audiovisual Brasileño: Entre el Deseo y el Control del Cuerpo Queer en Bixa Travesty

RESUMEN

El artículo propone un análisis del documental *Bixa Travesty* (2019), protagonizado por Linn da Quebrada, centrado en las formas en que la raza, la clase, el género y la travestilidad son tensionados por la artista a partir de su trayectoria y performance. La investigación parte de la comprensión de que su arte actúa como herramienta de denuncia y resistencia, especialmente en contextos de marginación y violencia estructural contra personas trans y travestis en Brasil. A través de la articulación entre escenas de la película, canciones, performances y referencias teóricas, el trabajo destaca cómo la artista construye una narrativa periférica y afectiva que desafía las normas cisheteronormativas y resignifica los discursos en contra de identidades como la suya. Entre los principales resultados, se observa que el arte travesti se presenta como una poderosa herramienta para la producción de conocimiento y afirmación política, promoviendo cambios simbólicos y subjetivos en un contexto marcado por la exclusión histórica.

Palabras clave: Travestilidad. Representación. Audiovisual brasileño. Violencia estructural. Arte político.